



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA BENTO XVI À POLÓNIA

**HOMILIA DO SANTO PADRE
DURANTE A CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA
NO PARQUE DE BŁONIA**

Cracóvia, 28 de Maio de 2006

"Homens da Galileia, porque estais assim a olhar para o céu?" (Act 1, 11)

Irmãos e irmãs, hoje, na esplanada de Błonia de Cracóvia ressoa de novo esta pergunta narrada nos *Actos dos Apóstolos*. Desta vez ela é dirigida a todos nós: "Porque estais a olhar para o céu?". Na resposta a esta pergunta está contida a verdade fundamental sobre a vida e sobre o destino do homem.

A pergunta em questão refere-se a duas atitudes relacionadas com as suas realidades, nas quais está inscrita a vida do homem: a terrena e a celeste. Primeiro, a realidade terrena: "Porque estais?" Porque estais na terra? Respondemos: estamos na terra, porque o Criador nos colocou como coroamento da obra da criação. O Deus onipotente, em conformidade com o seu desígnio inefável de amor, criou o cosmos, tirou-o do nada. E depois de ter feito esta obra, chamou o homem à existência, criado à própria imagem e semelhança (cf. *Gn 1, 26-27*). Concedeu-lhe a dignidade de filho de Deus e a imortalidade. Mas sabemos que o homem se perdeu, abusou do dom da liberdade e disse "não" a Deus, condenando-se desta forma a uma existência na qual entram o mal, o pecado, o sofrimento e a morte. Mas também sabemos que o próprio Deus não se resignou a essa situação e entrou directamente na história do homem, a qual se tornou história da salvação. "Estamos na terra", estamos radicados nela, dela crescemos. Aqui praticamos o bem nos vastos campos da existência quotidiana, no âmbito da esfera material, e também na espiritual: nas relações recíprocas, na edificação da comunidade humana, na cultura. Aqui experimentamos a fadiga do viandante a caminho rumo à meta pelas estradas complicadas, entre hesitações, tensões, incertezas, mas também na profunda consciência que mais cedo ou mais

tarde este caminho chegará ao fim. E é então que nasce a reflexão: só isto? A terra na qual "nos encontramos" é o nosso destino definitivo?

Neste contexto, é preciso deter-se na segunda parte do interrogativo contido na primeira página dos Actos: "Porque estais assim a olhar para o céu?". Lemos que quando os Apóstolos tentaram chamar a atenção do Ressuscitado sobre a questão da reconstrução do reino terrestre de Israel, Ele "foi elevado ao céu à vista deles e uma nuvem subtraiu-o ao seu olhar". E eles "estavam com os olhos fixos no céu, para onde Jesus se afastava" (*Act 1, 9-10*). Estavam portanto fixando o céu, porque acompanhavam com o olhar Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado, que era elevado ao céu. Não sabemos se se aperceberam naquele momento do facto de que precisamente diante deles se estava a abrir um horizonte magnífico, infinito, o ponto de chegada definitivo da peregrinação terrena do homem. Talvez o tenham compreendido só no dia de Pentecostes, iluminados pelo Espírito Santo. Contudo, para nós aquele acontecimento de há dois mil anos é muito claro. Somos chamados, permanecendo na terra, a fixar o céu, a orientar a atenção, o pensamento e o coração para o mistério inefável de Deus. Somos chamados a olhar na direcção da realidade divina, para a qual o homem está orientado desde a criação. Ali está contido o sentido definitivo da nossa vida.

Queridos irmãos e irmãs, com profunda emoção celebro hoje a Eucaristia na esplanada de Bonia de Cracóvia, lugar no qual várias vezes celebrou o Santo Padre João Paulo II durante as suas inesquecíveis viagens apostólicas no País natal. Durante a liturgia encontrava-se com o povo de Deus quase em todas as partes do mundo, mas não há dúvida de que todas as vezes a celebração da Santa Missa na esplanada de Błonia em Cracóvia, era para ele um acontecimento excepcional.

Voltava aqui com o pensamento e com o coração às raízes, às fontes da sua fé e do seu serviço na Igreja. Daqui via Cracóvia e toda a Polónia. Durante a primeira peregrinação à Polónia, a 10 de Junho de 1979, no final da sua homilia nesta esplanada, disse com saudades: "Permiti que eu, antes de vos deixar, dirija mais um olhar sobre Cracóvia, esta Cracóvia da qual cada pedra e cada tijolo me são queridos. E que daqui olhe mais uma vez para a Polónia...". Durante a última Santa Missa celebrada neste lugar a 18 de Agosto de 2002, na homilia disse: "Estou grato pelo convite para visitar a minha Cracóvia e pela hospitalidade que me foi oferecida" (n. 2). Desejo assumir estas palavras, fazê-las minhas e repeti-las hoje: agradeço-vos de coração "pelo convite para visitar Cracóvia e pela hospitalidade que me oferecestes". Cracóvia, a cidade de Karol Wojtyła e de João Paulo II, é também *a minha Cracóvia!* É também uma Cracóvia querida ao coração de grandes multidões de cristãos em todo o mundo, os quais sabem que João Paulo II chegou à colina do Vaticano desta cidade, da colina de Wawel, "de um País distante", o qual, graças a este acontecimento, se tornou um País querido a todos.

No início do segundo ano do meu pontificado vim à Polónia e a Cracóvia por uma necessidade do coração, como peregrino sobre as pegadas do meu Predecessor. Queria respirar o ar da sua

Pátria. Queria olhar para a terra na qual nasceu e onde cresceu para assumir o incansável serviço a Cristo e à Igreja universal. Desejava antes de tudo encontrar-me com os homens vivos, os seus concidadãos, experimentar a vossa fé da qual ele tirou a linfa vital, e assegurar-me que estais firmes na fé. Aqui desejo também pedir a Deus que conserve em vós a herança da fé, da esperança e da caridade deixada ao mundo, e de modo particular a vós, por João Paulo II.

Saúdo cordialmente todas as pessoas reunidas na esplanada Błonia de Cracóvia, até onde o meu olhar alcança e mais além. Desejaria estreitar a mão de cada um de vós, fixando-vos nos olhos.

Abraço com o coração todos os que participam na nossa Eucaristia por meio da rádio e da televisão. Saúdo toda a Polónia! Saúdo as crianças e a juventude, as famílias e as pessoas sozinhas, os doentes e quantos sofrem no espírito e no corpo, que estão privados da alegria de viver. Saúdo todos os que com o seu trabalho de cada dia multiplicam o bem deste País. Saúdo os Polacos que vivem fora dos confins da Pátria, no mundo inteiro. Agradeço ao Cardeal Stanislaw Dziwisz, Arcebispo Metropolitano de Cracóvia, pelas cordiais palavras de boas-vindas. Saúdo o Senhor Cardeal Francesco Macharski e todos os Senhores Cardeais, os Bispos, os sacerdotes, as pessoas consagradas e os nossos hóspedes provenientes de numerosos Países, especialmente dos limítrofes. Saúdo o Senhor Presidente da República, o Senhor Primeiro-Ministro, os representantes das Autoridades do Estado, das territoriais e locais.

Queridos irmãos e irmãs, o mote da minha peregrinação em terra polaca, nas pegadas de João Paulo II, é constituído pelas palavras: "Permanecei firmes na fé". A exortação encerrada nestas palavras dirige-se a todos nós que formamos a comunidade dos discípulos de Cristo, dirige-se a cada um de nós. A fé é um acto humano muito pessoal que se realiza em duas dimensões. Crença significa antes de tudo aceitar como verdade aquilo que a nossa mente não compreende totalmente.

É preciso aceitar o que Deus nos revela sobre si mesmo, sobre nós mesmos e sobre a realidade que nos circunda, também a invisível, inefável, inimaginável. Este acto de aceitação da verdade revelada, alarga o horizonte do nosso conhecimento e permite-nos alcançar o mistério no qual a nossa existência está imergida. Não se concede facilmente um consentimento a este limite da razão.

E é precisamente aqui que a fé se manifesta na sua segunda dimensão: a de se confiar a uma pessoa não a uma pessoa ordinária, mas a Cristo. É importante aquilo em que cremos, mas ainda mais importante é aquele em quem cremos.

São Paulo fala-nos disto no trecho da *Carta aos Efésios* que foi lido hoje. Deus concedeu-nos um espírito de sabedoria e "os olhos do nosso coração, para sabermos que esperança nos vem do seu chamamento, que riqueza de glória contém a herança que Ele nos reserva entre os santos e

como é extraordinariamente grande o seu poder para conosco, os crentes, de acordo com a eficácia, com a sua força poderosa" (cf. *Ef* 1, 18-20). Crer significa abandonar-se a Deus, confiar o nosso destino a Ele. Crer significa estabelecer um vínculo muito pessoal com o nosso Criador e Redentor em virtude do Espírito Santo, e fazer com que este vínculo seja o fundamento de toda a vida.

Ouvimos hoje as palavras de Jesus: "Ideis receber uma força, a do Espírito Santo, que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo" (*Act* 1, 8). Há séculos estas palavras chegaram também à terra polaca. Elas constituíram e continuam constantemente a constituir um desafio para todos os que admitem pertencer a Cristo, para os quais a sua causa é a mais importante. Devemos ser testemunhas de Jesus que vive na Igreja e nos corações dos homens. É Ele quem nos ensina uma missão. No dia da sua ascensão ao céu disse aos Apóstolos: "Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura... Eles, partindo, foram pregar por toda a parte; o Senhor cooperava com eles, confirmando a palavra com os sinais que o acompanhavam" (*Mc* 16, 15.20). Queridos irmãos e irmãs! Juntamente com a eleição de Karol Wojtyła para a Sede de Pedro ao serviço de toda a Igreja, a vossa terra tornou-se lugar de um particular testemunho de fé em Jesus Cristo. Vós mesmos sois chamados a prestar este testemunho diante do mundo inteiro. Esta vossa vocação é sempre actual, e talvez ainda mais a partir do momento da bem-aventurada morte do Servo de Deus. Qua ao mundo não falte o vosso testemunho!

Antes de regressar a Roma, para continuar o meu ministério, exorto todos vós, recordando as palavras que João Paulo II pronunciou aqui no ano de 1979: "Deveis ser fortes, caríssimos irmãos e irmãs! Deveis ser fortes com aquela força que brota da fé! Deveis ser fiéis! Hoje mais do que em qualquer outra época tendes necessidade desta força. Deveis ser fortes com a força da esperança, que dá a perfeita alegria de viver e não permite entristecer o Espírito Santo! Deveis ser fortes de amor, que é mais forte que a morte... Deveis ser fortes com a força da fé, da esperança e da caridade, consciente, madura, responsável, que nos ajuda a estabelecer... o grande diálogo com o homem e com o mundo nesta etapa da nossa história: diálogo com o homem e com o mundo, radicado no diálogo com o próprio Deus com o Pai por meio do Filho no Espírito Santo diálogo da salvação" (10 de Junho de 1979, *Homilia*, n. 4).

Também eu, Bento XVI, Sucessor do Papa João Paulo II, vos peço que olheis da terra para o céu que fixeis Aquele que desde há 2000 anos é seguido pelas gerações que vivem e se sucedem nesta nossa terra, reencontrando n'Ele o sentido definitivo da existência. Fortalecidos pela fé em Deus, comprometevi-vos com fervor na consolidação do seu Reino na terra: o Reino do bem, da justiça, da solidariedade e da misericórdia. Peço-vos que testemunheis com coragem o Evangelho perante o mundo de hoje, levando a esperança aos pobres, aos que sofrem, aos abandonados, aos desesperados, a todos os que têm sede de liberdade, de verdade e de paz. Fazendo o bem ao próximo e mostrando-vos solícitos pelo bem comum, testemunhai que Deus é amor.

Por fim, peço-vos que partilheis com os outros povos da Europa e do mundo o tesouro da fé, tendo também em consideração a memória do vosso Concidadão que, como Sucessor de São Pedro, fez isto com extraordinária força e eficiência. E recordai-vos também de mim nas vossas orações e nos vossos sacrifícios, como vos recordáveis do meu grande Predecessor, para que eu possa cumprir a missão que me foi confiada por Cristo. Peço-vos que permaneçais firmes na fé! Permanecei firmes na esperança! Permanecei firmes na caridade! Amém!

© Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana